

O RIO JOANA PERES (ESTADO DO PARÁ) E O FENÔMENO DO *PIRAKAÚ*: UMA PERSPECTIVA ETNOGRÁFICA

José Bittencourt da SILVA¹

Universidade Federal do Pará/UFPA

jbsilva@ufpa.br

Resumo: *O presente artigo objetiva expor e descrever de maneira analítica um fenômeno natural chamado de pirakaú, observado entre os meses de janeiro, fevereiro e março de cada ano no rio que banha a comunidade Joana Peres localizada no território da Reserva Extrativista Ipaú-Anilzinho, município de Baião, estado do Pará. Mas, o que significava etimologicamente o termo Pirakaú e qual o seu sentido para a população residente na comunidade Joana Peres? Para o recolhimento das evidências optamos por uma pesquisa do tipo qualitativa, com pressupostos metodológicos próprios das correntes etnográfica e fenomenológica. O texto apresenta possibilidades para o estabelecimento de diálogos para investigações mais aprofundadas, principalmente porque existe claramente uma ausência de material bibliográfico acerca do fenômeno do pirakaú. O que segue são aprofundamentos acerca das questões levantadas, a partir das informações recolhidas em campo.*

Palavras-chave: *Amazônia. Comunidade Joana Peres. Pirakaú.*

Abstract: This article aims to expose and describe analytically a natural phenomenon called *pirakaú*. It can be observed in the months January, February and March year by year in the river that passes in front of the Joana Peres community, located within the Extractive Reserve Ipaú-Anilzinho, Baião, state of Pará. But, etymologically what is the meaning of the word *Pirakaú* and what it's meaning to the population resident on the Joana Peres community? For the collect of evidences we chose a qualitative research using aspect of anthropology method. The paper presents possibilities for establishing dialogues that can be to initiate a systematic investigation, because nothing was written about this phenomenon. What follows is information about the questions that have been proposed, from the information collected in the field.

Keywords: Amazon. Joana Peres Community. *Pirakaú*.

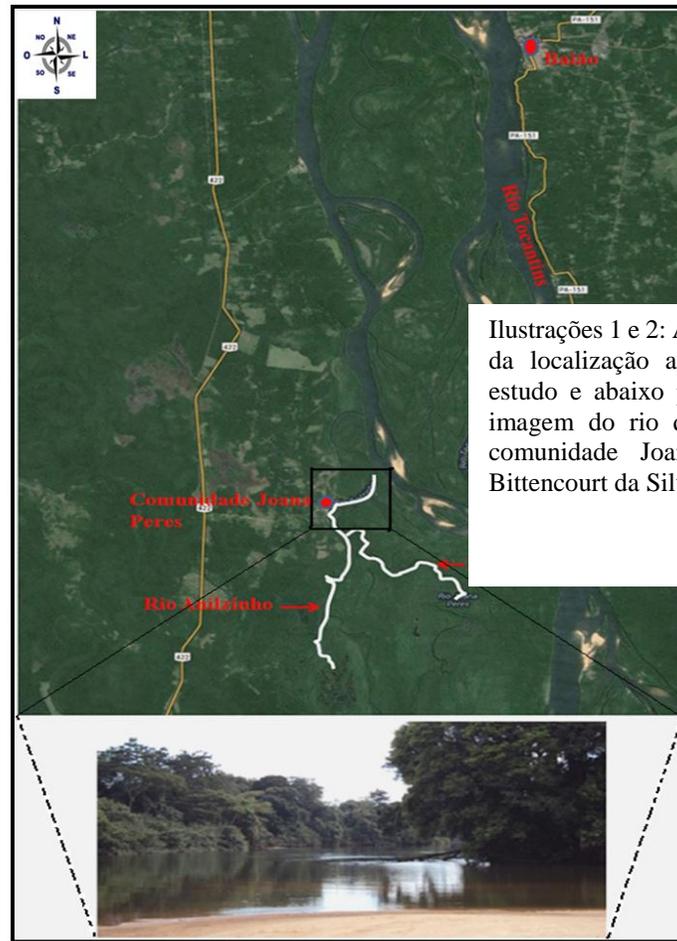
¹ É Sociólogo e especialista em Ciência Política pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas-IFCH/ Universidade Federal do Pará-UFPA. Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento e Doutorado em Ciências Ambientais pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos-NAEA/UFPA. Atua como professor e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED)/UFPA.

INTRODUÇÃO

Em livro que busca retratar a modernidade de Abgar Renault², uma frase inicial chama a atenção do leitor, qual seja: “[...] nada nos resta, tudo já foi dito” (OLIVEIRA; RENAULT, 1996, p. 9). Este sentimento de esgotamento da criatividade humana tem sido reforçado por um certo senso comum de que na atualidade nada se cria, tudo se copia. Particularmente no campo acadêmico não é raro observar na fala de discentes e docentes esta sensação de impossibilidade da produção de coisas novas. Todavia, a vontade em se construir algo novo, ter *insights* e hipóteses originais ou inéditas ainda está muito presente nos vários sujeitos cognoscentes no campo acadêmico. Neste particular, a Amazônia configura-se como uma arena aberta para a observação, proposição de problemas e produção teórico-acadêmica nas mais variadas áreas do conhecimento.

O presente artigo objetiva expor e descrever de maneira densa e analítica um fenômeno natural chamado de *pirakaú*, o qual pode ser observado entre os meses de janeiro, fevereiro e março de cada ano na comunidade Joana Peres, que é banhada pelas águas confluentes dos rios Anilzinho e Joana Peres (Ilustrações 1 e 2 a seguir). O espaço/objeto do presente estudo é constituinte do território da Reserva Extrativista Ipaú-Anilzinho, município de Baião, estado do Pará, região de integração da bacia do rio Tocantins, na Amazônia Paraense. As questões que buscamos responder foram: o que significava etimologicamente o termo *Pirakaú* e qual o seu sentido para a população residente na comunidade Joana Peres?

² Abgar Renault foi professor, político, poeta, ensaísta e tradutor. Nasceu em Barbacena, (MG) em 15 de abril de 1901 e faleceu no Rio de Janeiro (RJ) em 31 de dezembro de 1995. Dentre as muitas atividades desenvolvidas, Renault pertenceu à Academia Mineira de Letras, à Academia Municipalista de Letras de Belo Horizonte, à Academia Brasiliense de Letras; ao Instituto de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Stanford, Califórnia (EUA) e foi Presidente da Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa de Belo Horizonte (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2014).



Ilustrações 1 e 2: Acima temos uma figura da localização aproximada da área de estudo e abaixo podemos observar uma imagem do rio que passa em frente à comunidade Joana Peres. Foto: José Bittencourt da Silva, 2012.

Para o recolhimento das evidências que contribuiriam com as possíveis respostas aos questionamentos lançados e ao objetivo traçado, optamos por uma pesquisa do tipo qualitativa (POUPART, 2010), com pressupostos epistemológicos e metodológicos próprios da corrente etnográfica (ANDRE, 2000; FLICK, 2009; MALINOWSKI, 1978) e, em certa medida, marcado por princípios fenomenológicos (GIORGI, 2010), uma vez que o fenômeno do *pirakaú* em tela é exposto e descrito neste texto a partir da própria vivência do autor, assim como da percepção dos próprios moradores do local.

Portanto, consideramos importante a maneira específica do falar comunitário sobre essa realidade, ou seja, o modo como as pessoas percebem e reconstruem localmente o fenômeno do *pirakaú*. Essa expressão fenomênica do real percebido constituiu-se na matéria-prima para a significação do objeto de estudo no campo acadêmico (Oliveira,

1996). Para a obtenção dessa matéria-prima foram feitas observações no local de maneira sistematizada e também informal, bem como foram realizadas entrevistas abertas (Severino, 2007) com moradores da comunidade Joana Peres.

A utilização de ilustrações é aspecto marcante neste trabalho. Elas buscaram demonstrar lugares, pessoas, objetos, utensílios e situações da vida cotidiana local que contribuíram com a plausibilidade acadêmica (DESLAURIERS; KÉRISIT, 2010) deste artigo. Neste contexto, é importante destacar os registros fotográficos, com utilização de câmera digital, que colaboraram decisivamente para o processo descritivo, narrativa e analítica dos processos próprios do fenômeno observado. De fato, a fotografia, enquanto instante racionalmente estacionado (MAUAD, 2004),³ constituiu-se em uma maneira importantíssima de comunicação não verbal e não textual neste trabalho. Esses retratos da vida cotidiana comunitária e da natureza foram de grande valia, não apenas pela produção da imagem em si, vista como um texto expresso em luz e sobre, mas também pela importante contribuição na busca pela explicação da problemática levantada.

O artigo está dividido da seguinte maneira: além desta introdução (elemento pré-textual), buscamos situar o objeto da discussão no item **COMUNIDADE JOANA PERES: ASPECTOS GEOGRÁFICOS, HISTÓRICOS E SOCIOECONÔMICOS**. Posteriormente e de modo mais pontual, apresentamos o rio que se constituiu no foco das discussões deste artigo. Para tanto, criamos o item intitulado **O RIO JOANA PERES: ASPECTOS AMBIENTAIS E PAISAGÍSTICOS**. Encerrando a parte que se constituiu como o desenvolvimento do texto, propusemos o item **O PROCESSO DE COMPREENSÃO ANTROPOLÓGICA E ETIMOLÓGICA DO PIRAKAÚ: EXPONDO FATOS E DESCRIVENDO SITUAÇÕES**, momento em que pretendemos mostrar um pouco do trajeto que percorremos para chegar até ao significado da expressão *Pirakaú*.

³ Como mostram Burke (2004) e Kossoy (2000) dentre tantos outros, o fotografar é sempre uma relação de cumplicidade, entre quem aperta o botão da máquina e aquele que se deixa fotografar. Portanto, há sempre uma intencionalidade quando se trata de registrar imagem fotograficamente. No caso deste artigo, tal prática possui dois objetivos: primeiro servir como ilustração das argumentações textuais, enfatizando pontos que merecem ser bem mais discutidos e, em segundo lugar, servir como evidência científica (reconstrução do real a partir de dada perspectiva) para as demonstrações dos ambientes e fatos observados.

O artigo introduzido e desenvolvido desembocou em uma conclusão (elemento pós-textual), a qual se configurou muito mais como um chamamento a pesquisa sobre o *pirakaú* do que o encerramento propriamente dito do texto. De fato, neste momento ratificamos nosso posicionamento quanto às múltiplas possibilidades de investigação na Amazônia e instigamos as instituições de pesquisa sediadas no município de Belém, ou em outros espaços do estado do Pará e do Brasil a discutir e tornar mais plausível o fenômeno do *pirakaú*.

Por fim, queremos ressaltar que este artigo deve ser percebido, em grande medida, como um ensaio e, portanto, apresentando uma série de ideias que necessitarão de maiores aprofundamentos. Todavia, o trabalho apresenta possibilidades para o estabelecimento de diálogos suscetíveis de iniciar uma investigação mais sistematizada, principalmente porque existe claramente uma ausência de material bibliográfico acerca do fenômeno do *pirakaú*. De fato, é importante observar que o presente texto poderá servir posteriormente de fio condutor para trabalhos acadêmicos nas áreas das ciências biológicas e sociais, afinal o *pirakaú*, além das questões ambientais percebidas, apresenta rebatimentos sócio-comunitários interessantes, constituindo-se como uma marca identitária da comunidade Joana Peres.

COMUNIDADE JOANA PERES: ASPECTOS GEOGRÁFICOS, HISTÓRICOS E SOCIOECONÔMICOS

O município de Baião pertence à Mesorregião Nordeste Paraense e à Microrregião Cametá. Seu território apresenta os seguintes limites: ao norte com o município de Mocajuba; a leste com o município de Moju; ao Sul com os municípios de Tucuruí e Breu Branco e a oeste com os municípios de Oeiras do Pará, Bagre, Portel e Pacajá (GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ, 2013). A comunidade Joana Peres configura-se política e administrativamente como um distrito do município de Baião, mas também se

apresenta como uma das seis comunidades pertencentes à Reserva Extrativista Ipaú-Anilzinho, criada pelo Decreto Presidencial em 14 de junho de 2005 (BRASIL, 2005)⁴.



Ilustração 3: Visualização da localização do município de Baião e da comunidade Joana Peres. Figura construída por José Bittencourt da Silva a partir de informações recolhidas do endereço eletrônico www.google.com.br/search+imagem+município+de+baião. Acesso em: 16 jan. 2014.

O processo histórico de antropização do território ribeirinho da comunidade Joana Peres ainda precisa ser pesquisado de maneira mais sistemática e aprofundada. Pelo que pudemos obter de informações de moradores nome do local estaria ligado a figura de uma comerciante de origem portuguesa, Joana Pires, que teria se instalado na região no período áureo da exploração da borracha, por volta do início de século XX. No devir histórico e, dada a movimentação linguística no povoado, as pessoas teriam passado a chamar lugar de Joana Peres. Ressaltamos que essas informações devem ser vistas como indícios importantes, mas não suficientes, que devem ser averiguado em processos de pesquisa histórico-documental.

De todo modo, o que podemos observar é que os processos produtivos próprios do extrativismo da borracha (*Hevea brasiliensis* – Euphorbiaceae) e da castanha (*Bertholletia excelsa* H. B. K. (Lecythidaceae Mart.) no contexto do Ciclo da Borracha foram estruturantes da fixação das pessoas no atual espaço social comunitário denominado de Joana Peres. Essa realidade social e histórica coloca Joana Peres dentro

⁴ Existe uma comunidade de igual nome (Joana Peres) na região tocantina em discussão, a qual pertence ao município de Cametá.

de um certo padrão de povoamento na região amazônica, condicionado pelos processos próprios dos diferentes períodos de antropização da região como um todo, desde colonização até chegar aos dias hoje.

Atualmente, as pessoas vivem na comunidade Joana Peres da caça, da pesca artesanal, do extrativismo florestal (flores, frutos, cascas, sementes, óleos etc.), da produção agrícola familiar de subsistência (da chamada cultura branca: mandioca [*Manihot esculenta* Crantz], milho [*Zea mays*], banana [*Musa spp*] etc.), da criação de pequenos animais como galinhas, porcos e patos e de uma incipiente plantação de condimentos alimentícios, ervas aromáticas e medicinais, tais como cebolinhas (*Allium cepa*), urucum (*Bixa orellana* L.), pimenta dedo-de-moça (*C. chinense* Jacq), alfavacas (*Ocimum micranthum*), hortelã (*Mentha* sp.) e outras⁵. Todavia, a compra de carne bovina e de aves em municípios vizinhos (Baião e Tucuruí) representa a fonte principal de ingestão de proteína animal.

A relação de proximidade com os núcleos urbanos de Baião e Tucuruí gera certo hibridismo entre o tradicional e o moderno na comunidade, que pode ser percebido, dentre outras coisas, nas antenas parabólicas e de sinais para telefones celulares, nos frízeres e geladeiras domésticos, fogões a gás de cozinha, aparelhos de DVD, televisores, computadores, motocicletas e carros. Por outro lado a tradicionalidade da população local pode ser vista nos fogões de barro, no uso do carvão e da lenha, nas casas simples de madeira cobertas com palha, ou mesmo no curandeiro e na parteira da comunidade que afirmou não saber quantas crianças já nasceram ajudadas pelas suas próprias mãos.

O lazer e a ludicidade fica por conta dos jogos de futebol, de cartas, dominó, bilharito⁶ e as festas de aparelhagem, regadas a bebidas em geral e cigarros. Contudo, ainda é possível observar algumas brincadeiras tradicionais, como os banhos de rio, pescarias lúdicas, fogueiras e cantigas de roda realizadas por crianças, adolescentes e

⁵ Note-se que essas ervas ficam quase que exclusivamente aos cuidados das mulheres, que também cuidam dos filhos e da casa.

⁶ Jogo muito conhecimento e praticado por pessoas oriundas das classes trabalhadoras, com estrutura (mesa, tacos e bolas) bastante semelhante à sinuca, mas com regras muito simples e fáceis de memorização pelos participantes.

jovens. Neste local também é muito comum ver pessoas criando animais silvestres como aves, mamíferos, quelônios e outros que convivem habitualmente com os membros da família.

Serviços públicos e privados também são oferecidos localmente, em que pese a precariedade quantitativa e qualitativa de seu funcionamento. São escolas, posto de saúde, serviços de canalização de água subterrânea, energia elétrica, telefonia celular etc., tudo necessitando de adequações e melhoramentos para seu funcionamento, se não ótimo, que fosse pelo menos compatível com as necessidades comunitárias.

Essa precariedade dos serviços públicos e privados locais representa uma verdadeira contradição, haja vista que o povoado se encontra juridicamente em condições de receber ações de governo dos três níveis de poder, ou seja, municipal (enquanto distrito de Baião), estadual (região ligada ao estado do Pará) e federal (enquanto área protegida sob a jurisdição da União), além proximidade que a comunidade possui com a hidroelétrica de Tucuruí.

O lugar apresenta uma paisagem natural fantástica e tem atraído muitos turistas paraenses, de outros estados brasileiros e até mesmo de pessoas vindas de países vizinhos. Além dessa pequena movimentação turística, a comunidade Joana Peres recebe professores para atuar no ensino médio e até mesmo em nível superior para formação escolar básica, universitária e para formação continuada em nível de especialização, o que tem gerado uma demanda local por pousadas, alimentação e outros serviços voltados à estada dos visitantes.

Os recursos hídricos locais, em particular os rios, lagos e igarapés que circundam a comunidade são atrativos para os visitantes. Todavia, esses recursos hídricos representam para a população que mora na comunidade muito mais que isso, ou seja, são vias de locomoção entre comunidades e a outros núcleos urbanos maiores como Baião e Cameté; local de lazer, de higiene corporal e de utensílios domésticos; lugar de encantamentos e histórias fantásticas e, fundamentalmente, fonte de proteína animal.

O RIO JOANA PERES⁷: ASPECTOS AMBIENTAIS E PAISAGÍSTICOS

O rio que passa em frente à comunidade Joana Peres (Ilustração 4) resulta da confluência dois pequenos rios, a saber: o rio Anilzinho e o rio Joana Peres, ambos são constituintes da bacia hidrográfica do rio Tocantins. Eles apresentam paisagens bastante diversificadas em seus percursos. Neles é possível observar áreas inundáveis ou de várzea, localmente chamados de *igapó*, matas ciliares com vastas áreas próprias dos manguezais, com vegetação fechada e com raízes aéreas, bem como é comum a ocorrência de grandes faixas de praias com terrenos híbridos misturando argila e areia.



Ilustração 4: Demonstração aproximada da localização do Rio Joana Peres e da comunidade de mesmo nome. Construído por José Bittencourt da Silva a partir do site de busca Google Mapa, 2014.

Pelo que observamos, esses rios podem ser considerados como verdadeiros berçários de espécies aquáticas locais (peixes, quelônios, crustáceos, moluscos, etc.), além de apresentar uma mata ciliar que abriga uma considerável variedade de plantas, aves, mamíferos e outros. Isso sem levar em consideração os insetos e, certamente, microorganismo que povoam esse local. Toda essa realidade biótica certamente tem um papel muito importante para a sobrevivência das comunidades tradicionais da RESEX, em particular da comunidade Joana Peres.

⁷ Há uma confusão de informações quanto à nomenclatura do rio que passa em frente à comunidade em discussão. Alguns moradores o chamam de Anilzinho e outros de Joana Peres. Para efeito deste artigo, utilizaremos o nome rio Joana Peres.

Por serem rios piscosos acabam atraindo moradores locais e visitantes com intencionalidades diversas, que vão desde a pesca de subsistência, passando pela pesca esportiva ilegal, até chegar à pesca predatória, comumente denunciada pelas populações tradicionais locais. “Várias vezes eu já denunciei pro ICMBio a pesca ilegal aqui no rio de Joana Peres e em outros rios da RESEX e pouca coisa foi feita. É pesca de rede, pesca de mergulho com arpão [...]. Essa pesca não é só pra comer, é pra vender pro atravessador também (Senhor Elias Gomes, comunicação oral, 2012).

Essa diversidade biótica faz do rio Joana Peres e Anilzinho lugares maravilhosos para se estar em contato com a fauna e flora amazônica. São rios de águas claras, pouco antropizados, apresentando em seu percurso cores e odores variados, lugares aprazíveis, como praias, igarapés, furos, árvores frondosas que sombreiam as margens e muitas outras peculiaridades do local. É comum observamos quelônios em troncos de árvore expostos ao sol, ou mesmo iguanas, preguiças e macacos transitando livremente pela mata ciliar. Daí o potencial turístico da localidade que poderia ser aproveitado dentro de um projeto mais amplo de desenvolvimento e consolidação da RESEX.

O PROCESSO DE COMPREENSÃO ANTROPOLÓGICA E ETIMOLÓGICA DO PIRAKÁÚ: EXPONDO FATOS E DESCRIVENDO SITUAÇÕES

O processo de aproximação com a presente discussão se deu no contexto de um *survey* realizado com alunos de pós-graduação em nível de especialização oferecido pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), no ano de 2010. O objetivo da investigação na comunidade Joana Peres era levantar dados acerca dos principais problemas socioambientais locais para a construção monográfica do trabalho de conclusão de curso de dois discentes, os quais pretendiam discutir o desenvolvimento comunitário na Reserva Extrativista Ipaú-Anilzinho, uma Unidade de Conservação da Natureza categorizada pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) como sendo de Uso Sustentável (BRASIL, 2000), ou seja, uma área protegida que permite a utilização dos recursos naturais pelas populações tradicionais locais, a partir do próprio

padrão de antropização desses grupos humanos historicamente ligados ao extrativismo de subsistência.

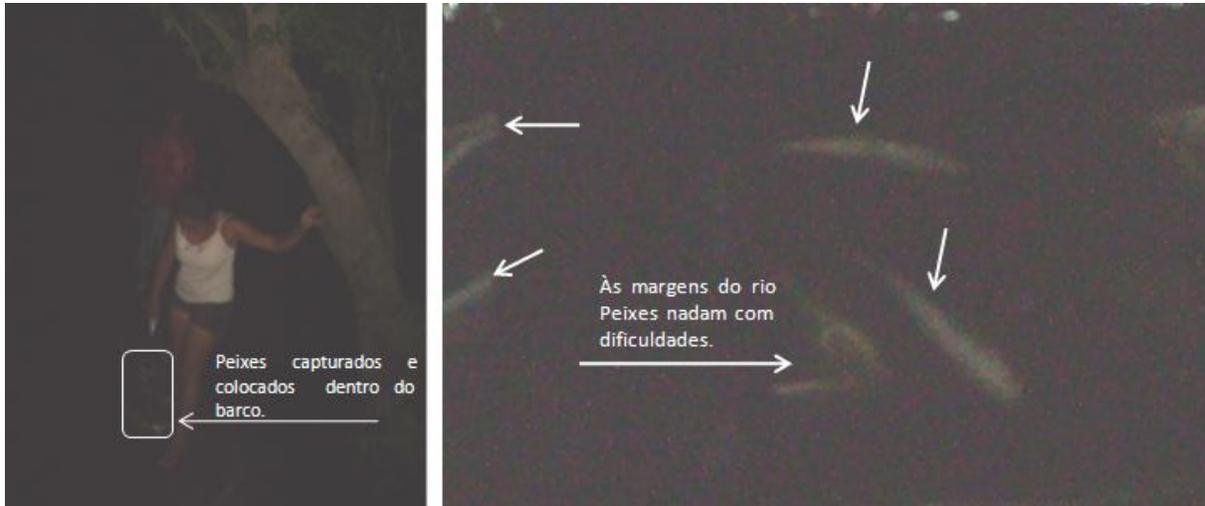
Foi exatamente no contexto da estada na comunidade Joana Peres o primeiro contato com o fenômeno. Era anoitecer de sábado do mês de janeiro de 2010 quando uma movimentação de pessoas nos chamou a atenção. Na ocasião, jovens, crianças, adultos, idosos (homens e mulheres) da comunidade corriam em direção à margem do rio levando nas mãos paneiros, arpões, puçás, panelas e outros utensílios domésticos. Neste cenário várias crianças gritavam: “pirakaú, pirakaú, pirakaú [...]”. Tomamos uma pequena lanterna, deixamos momentaneamente nossas atividades e fomos ver o que estava acontecendo, o que as pessoas estavam fazendo na margem do rio.

Primeiro notamos de imediato que as águas do rio estavam com uma tonalidade mais escura que o habitual. Posteriormente, com maior proximidade das águas, percebemos que havia um odor diferente no ar sendo exalando. Esse odor era aceitável pelo nosso olfato, mas perceptivelmente diferente, como o cheiro da argila ou lodo bem característico de águas paradas. Em seguida observamos que havia pequenos peixes na flor d’água e próximos das margens, como se estivessem buscando um lugar melhor para ficar. Em alguns lugares do rio era possível observar cardumes inteiros com dificuldade de movimentação. Nessas condições, esses peixes tornavam-se presas fáceis para os moradores, que os capturavam sem muita dificuldade. Na situação em que se encontravam, era possível apanhá-los com as próprias mãos.

Uma moradora, aparentando idade entre 30 a 35 anos, equilibrava-se em uma pequena canoa e, com a ajuda de outro morador, apanhava os peixes que buscavam refúgio nas margens do rio, próximo às árvores. Esses peixes serviriam de jantar naquela noite e, quem sabe, comporiam o almoço do dia seguinte. Ao ser questionada se a ingestão desses animais poderia causar-lhe alguma enfermidade, a moradora respondeu o seguinte:

[...] nós sempre pegamos esses peixes do *pirakaú* e nunca fez mal pra ninguém. Agente frita, faz ele assado, come e nunca eu vi alguma pessoa daqui dizer que comeu e passou mal. Eu pego esses peixes, levo pra casa, faço eles, todo mundo come e ninguém até hoje reclamou de alguma coisa. Eles não estão mortos, não estão estragados, então eu acho que eles não tem nenhum problema [...].

A seguir apresentamos algumas imagens dessa realidade noturna no momento em que o *pirakaú* acontecia no rio Joana Peres.



Ilustrações 5 e 6: No escuro, com uma lanterna na mão e equilibrando-se em um pequeno barco a moradora procura os peixes nas margens do rio no momento do *Pirakaú*. Apesar da escuridão da noite na qual a imagem foi feita, é possível observar na fotografia peixes nadando na flor d'água. Foto: José Bittencourt da Silva, 2010.



Ilustrações 7 e 8: Peixes capturados por moradores da comunidade Joana Peres no momento do *pirakaú*. Segundo informações locais são pescadas brancas (*Cynoscion Leiarchus*). Foto: José Bittencourt da Silva, 2010.



Ilustrações 9 e 10: Duas imagens do rio que banha a comunidade Joana Peres. Na primeira podemos observar sua tonalidade mais clara em foto feita às 15h do mês de setembro 2010. A segunda é uma fotografia realizada no mês janeiro de 2010, às 17h20min., na qual é possível observar a tonalidade mais escura do rio Joana Peres no momento do chamando *Pirakaú*.

Ao voltarmos para nosso alojamento, alguns questionamentos surgiram de maneira inevitável, ou seja, por que isso acontecia? O que significava o termo *pirakaú*? Qual a origem e etimologia dessa palavra? Alguém já havia feito alguma pesquisa acerca dessa realidade? Ao amanhecer saímos pela comunidade fazendo algumas indagações neste sentido. Para nossa surpresa ninguém no local sabia dizer exatamente o que era *pirakaú*, ninguém conseguiu expressar sinônimos desse termo que nos indicasse um sentido para o que havíamos presenciado. O que recolhemos nas falas dos moradores foram relatos fenomênicos da realidade, isto é, impressões e expressões dos moradores acerca do rio (cor, cheiro, densidade), a situações dos peixes (lentos, sem ar, fácil de captura, etc.) sempre utilizando expressões fenomênicas da realidade em questão⁸.

É importante ressaltar que não recolhemos localmente nenhuma informação dos moradores locais que relacionasse esse fenômeno a situações mágicas, fantásticas, milagrosas ou a alguma entidade sobrenatural. Pelo contrário, todas as explicações sempre foram no sentido de que o *pirakaú* resultava de processos naturais, ou seja, relacionavam o ocorrido com o período chuvoso, determinados meses do ano, aumento do volume da água do rio, entrada das águas do rio em uma determinada área inundável e assim por diante.

No contexto das nossas buscas, duas informações chamaram-nos a atenção, as quais se aproximariam muito daquilo que posteriormente “descobriríamos” em nossa pesquisa

⁸ Expressão fenomênica no sentido dado por Kosik (2010), ou seja, expressão dada imediatamente por um observador, sem que ele faça o devido esforço conceitual para a sua compreensão.

etimológica acerca do termo *pirakaú*. A primeira foi dada pelo Sr. Elias Gomes (Ilustração 12) que, ao nosso entendimento, é o morador com maior conhecimento empírico sobre esse fenômeno no local. Ele nos disse que certa vez sua mãe teria lhe chamado a atenção ao fazer seu prato de comida no almoço. Ela teria lhe pedido para que “[...] não mexesse muito a panela de peixe cozido para não ficar parece um *pirakaú*, tudo embaralhado, feio, bagunçado”.

A segunda informação veio de uma situação completamente inusitada. Estávamos conversando informalmente, sentados em um banco da pracinha da vila de Joana Peres, quando ouvimos de um morador afirmando que iria convidar um amigo para uma *pirakáia*. Ao ouvir a expressão, imediatamente nos aproximamos e pedimos para que ele nos explicasse qual era o significado daquele termo, ao que respondeu: “[...] é uma pescaria que a gente faz, depois a gente assa e come o peixe bebendo uma cachacinha”. Ou seja, seria uma pescaria regada a aguardente.

O Sr. Manoel Raimundo Monteiro, mais conhecido como “seu Manel” (Ilustração 11), 65 anos de idade e morador da comunidade Joana Peres relatou o seguinte:

O *pirakaú* acontece aqui no rio Joana Peres desde que eu me entendo por gente. O *pirakaú* dá sempre nos primeiros meses do ano, na época das chuvas, quando o rio sobe. Pra mim ele, a água dele, vai subindo, subindo até chegar no lago grande. Depois que ele fura lá é que a água vem pretejando e com aquele cheiro pitiú⁹. Agora, eu não sei porque às vezes o *pirakaú* vem forte, às vezes vem fraco. Isso fica de dois a três dias, já teve caso de passar mais dias. Uma vez deu o *pirakaú* aqui que passou uns cinco dias. Agora, quando cai a chuva parece que a chuva lava o rio e aquela água escura vai destemperando, e o rio volta ao normal [...]. Hoje ainda tem muito peixe aqui em Joana Peres, mas pra mim caiu muito de quantidade de peixe se a gente olhar pra trás. Há muito tempo atrás quando dava *pirakaú* passava aí na frente da vila peixe grande. Tinha de tudo até cobra passava na flor da água aí. Passava pacu, traíra, pira-rara, pescada branca da grande [...]. Hoje tem esses peixinhos, tudo miudinho que desse lá de cima pra cá pra baixo quando dá o *pirakaú*, vem também uns camarãozinhos. O peixe fica assim fraco, mundiado, mas quando eles conseguem pegar o rio grande, água sem o *pirakaú*, parece eles pegam força, *veve* denovo e vão embora [...]. Eu não sei dizer muito bem porque isso dos peixes do *pirakaú* ficarem assim e até hoje eu não conheço ninguém que explique direitinho por que dá *pirakaú* (Manoel Raimundo Monteiro, entrevista realizada em 2012).

⁹ Buscamos informações acerca do significado deste termo, mas não conseguimos nenhuma explicação mais sistematizada, consistente e plausível. Pelo que conseguimos levantar em *sites* de busca na *internet* o termo pitiú é um regionalismo que expressa localmente um cheiro desagradável de peixe cru ou de algum outro alimento, como o ovo. Em muitos locais no Pará diz-se que o pitiú do peixe é retirado com suco de limão ou vinagre antes de ser cozido, frito ou assado. A esse respeito ver Dicionário Informal. **Pitiú**. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/piti%C3%BA/>. Acesso em: 16 maio 2014.

Após conversarmos com o Sr. Manoel Raimundo passamos então dialogar com o Sr. Elias Gomes, 48 anos de idade, uma importante liderança local e observador cauteloso do *pirakaú*. Ele corroborou as informações acima e acrescentou mais algumas informações.

Olhe nem todo *pirakaú* é igual e também não é uma coisa que acontece rápido. Às vezes o *pirakaú* dá e fica só lá pra cima e a gente nem sabe aqui em Joana Peres [...]. Primeiro o rio sobe e quando o *pirakaú* começa você já dá pra ir percebendo algumas mudanças, na cor da água, alguns camarões pequenos vão aparecendo boiando na beira rio, e quando tem muito camarão morto nesse início você já pode contar que o *pirakaú* vai dar forte, brabo mesmo [...]. Aqui eu não conheço ninguém que possa lhe dizer direitinho o que é que significa *pirakaú*. Nós falamos e sabemos sobre o *pirakaú* porque nós vivemos aqui. Eu ando por muitos lugares viajando como dirigente da nossa associação, com o pessoal do CNS e nunca ouvi alguém dizer que sabe o que é o *pirakaú*. Eu sei por que eu vejo o que acontece aqui e se o senhor souber o que é esse nome diga pra nós [...].



Ilustrações 11 e 12: Fotografias dos senhores Manoel Raimundo Monteiro e Elias Gomes respectivamente. Foto: José Bittencourt da Silva, 2012

Esgotada nossa estada na comunidade, passamos então a investigar a etimologia do termo, partindo do princípio de que o prefixo *pira*, de origem Tupi, significava peixe (Dicionário Ilustrado Tupi-Guarani, 2013), ficando o sufixo *kaú* como sendo o grande enigma a decifrar. Fizemos então levantamos em *sites* de busca na *internet*, conversamos com antropólogos e biólogos da Universidade Federal do Pará, procuramos em dicionários escrito em papel de língua indígena e nada conseguimos abiscoitar. Havia realmente um sentimento de que essa palavra teria sido inventada intuitivamente por algum morador antigo do local e permanecido até os dias atuais.

No contexto dessas andanças em busca da etimologia do termo, procuramos e encontramos o pesquisador e linguista do Museu Paraense Emílio Goeldi, o Dr. Denny Moore que afirmou nunca ter ouvido essa expressão, mas se prontificou em nos ajudar. Ele mesmo pesquisou em dicionários e livros similares de seu próprio acervo e do Museu e nada descobriu. Por falta de registros bibliográficos ou documentais, Moore entrou em contato com os índios das tribos Tembé do Pará e Ka'Apor do Maranhão. Quando de uma visita desses indígenas a Belém, ele obteve a seguinte informação: a palavra *Pirakaú* é de origem tupi-guarani e significa **peixe bêbado, peixe doido, peixe porre, peixe bagunceiro**.

Esse significado para o termo *Pirakaú* respondia às indagações levantadas anteriormente, bem como dava sentido ao termo de maneira peremptória, na medida em que ele expressava aquilo que mais era ressaltado no fenomenicamente quando acontecia *Pirakaú* no rio Joana Peres, isto é, a maneira como os peixes ficam: “porres”, “mundiados”¹⁰, “doidos”, “bêbados” etc. E mais, esse significado do termo levantado pelo Dr. Denny Moore ia ao encontro de palavras ouvidas localmente, como foi o caso de *pirakái*, significando pescaria lúdica acompanhada de bebida alcoólica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dizer que não há nada mais a “descobrir” ou que tudo já foi dito é realmente inverossímil. A Amazônia e seus processos sociais, econômicos, culturais e ambientais estão à disposição (no sentido positivo da palavra) para a pesquisa científica nas mais variadas áreas do conhecimento. De fato, essa região configura-se como um campo aberto para aqueles que possuem disposição, criatividade, espírito inventivo e capacidade de percepção de novas situações/ problemas passíveis de serem observadas, discutido e apresentado academicamente.

O fenômeno *pirakaú* é emblemático neste sentido e se configura como um exemplo claro das múltiplas possibilidades acadêmico-investigativas amazônicas. Essa realidade é relatada por várias pessoas da região do rio Joana Peres (RESEX Ipaú-Anilzinho), mas não

¹⁰ O *Seu Manel* expressou a palavra mundiado, com o mesmo sentido do termo bêbado, como alguém que perde os sentidos e não sabe o que fazer.

observamos nenhum material escrito até o presente momento sobre isso, ou seja, não encontramos sequer um pequeno texto no campo das ciências naturais que nos informasse qual a explicação mais plausível sobre o que acontece n rio Joana Peres todos os anos, para que ele fique com suas águas turvas (escuras), com cheiro desagradável, com oxigênio rarefeito e conseqüente impactação na vida aquática local, em particular dos peixes e, por extensão, na vida comunitária de Joana Peres.

Portanto, muitas perguntas ainda estão, por assim dizer, no ar, sem respostas. O *pirakaú* (que como já foi dito acima significa peixe bêbado, peixe doido, peixe porre, peixe bagunceiro) é um fenômeno relacionado à mudança da temperatura, e neste sentido pode ser o resultado de processo de insurgência como ocorre nos mares? Ou, será que o *pirakaú* se relaciona com os sedimentos e compostos orgânicos tóxicos localizados no leito do rio, os quais possuem propriedades físico-químicas que alteram sazonalmente o PH da água, sua alcalinidade, oxigenação etc? Essa é uma realidade específica do rio Joana Peres ou isso ocorre em outros rios amazônicos? Com a palavra as instituições de pesquisa belenenses, paraenses e brasileiras.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Abgar Renault**: Biografia. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=11&sid=166>. Acesso em: 8 jan. 2014.

ANDRE, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. 4º Ed.; Campinas-SP: Papirus, 2000.

BRASIL. **Lei nº. 9.985** de 18 de julho de 2000. Regulamenta o Art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza. **Diário Oficial da União**, Brasília, 18 jul. 2000. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 11 nov. 2011.

_____. Decreto de 14 de junho de 2005. Cria a Reserva Extrativista Ipaú-Anilzinho, no Município de Baião, Estado do Pará, e dá outras providências. **DOU** 15 jun. 2005. Disponível em: <http://www.iterpa.pa.gov.br/SiteIterpa/UnidadeConservacaoConsulta2.jsf>. Acesso em: 16 jan. 2014.

BURKE, P. **Testemunha ocular**. Bauru-SP: EDUSC, 2004.
DICIONÁRIO ILUSTRADO TUPI-GUARANI. **A origem de várias palavras da cultura brasileira**. Disponível em: <http://dicionariotupiguarani.blogspot.com.br/2010/09/p.html>. Acesso em: 01 nov. 2013.

DESLAURIERS, J. P.; KÉRISIT, M. O delineamento da pesquisa qualitativa. In: POUPART, J. (et. al.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 2ª Ed., Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010, p. 127-153 (Coleção Sociologia).

EDWARDS, E. Beyond the boundary: a consideration of the expressive in photography and anthropology. In: BANKS, M.; MORPHY, H. (Org.). **Rethinking visual anthropology**. New Haven: Yale University Press, 1997. p. 53-80.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. (Tradução de Joice Elias Costa). 3º Ed., Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIORGI, A. Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação In: POUPART, Jean (at. al.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 2ª Ed., Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010, p. 386-409 (Coleção Sociologia).

GOVERNO FEDERAL. **Catálogo: histórico de Baião**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/d_detalhes.php?id=34369. Acesso em: 17 jan. 2014.

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ. **Estatística Municipal**. Belém-Pa: Secretaria de Estado de Planejamento, 2013. Disponível em: <http://www.idesp.pa.gov.br/paginas/produtos/EstatisticaMunicipal/pdf/Baiao.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2014.

KOSIK, K. **Dialética do Concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

KOSSOY, B. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editoria, 2000.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. São Paulo: Abril, 1978.

MAUAD, A. M. Fotografia e história: possibilidades de análise. In: CIAVATTA, M.; ALVES, N. (Org.). **A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 19-36.

OLIVEIRA, S. R. de; Renault, A. H. T. **Abgar Renault**. Belo Horizonte: Centro de Estudos Literários, Edições Ouidor, 1996 (Encontro com escritores mineiros, 3. ISBN 85-85266-08-2).

POUPART, J. (*at. al.*). **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. 2ª Ed., Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010 (Coleção Sociologia).
SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª Ed. São Paulo: Cortez, 2007.